

mentida liberalidade; mas talvez os nossos numismaticos gostem de as ter aqui reünidas (e outras poderão encontrar-se). O mais famoso dos AA. citados é o P.<sup>o</sup> Antonio dos Reis, editor do *Corpus illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt*. No seu livro citado acima ha muitas poesias graciosas: esta obra merecia que um historiador da nossa literatura se occupasse d'ela.

J. L. DE V.

### Insculturas do Monte de Eiró

Há no Museu Municipal do Pôrto uma enigmática pedra onde se vêem abertas, em sulco, duas espirais de conjunto com linhas on-



Fig. 1 — Local donde foi extraída a pedra

duladas, extravagantemente dispostas, cujo traçado completo, por bastante delido do tempo, com certa dificuldade se enxerga.

A respeito dela apenas sabia eu ter sido oferecida pelo colega e amigo Dr. Manuel de Vasconcelos, que às antiguidades do Marco tem dedi-

cado um louvável interêsse<sup>1</sup>, desconhecendo contudo as circunstâncias concernentes ao seu encontro e proveniência. Formado o propósito de averiguar isto a seu tempo, eis que, inesperadamente, um visitante do Museu, o professor S.<sup>or</sup> Acácio Parreira, me facultava esclarecimentos valiosos. Vim assim a saber que esse bloco de granito era originário da freguesia de Penha Longa, concelho do Marco de Canaveses, tendo sido arrancado de propósito do Monte de Eiró, no limite do lugar de Piares, para ser colocado no Museu. Fôra mesmo o meu obsequioso informador quem, em 1910, sabendo da existência

<sup>1</sup> Vid. *Arch. Port.*, xix: *Apontamentos arqueológicos do concelho do Marco de Canaveses*.

duns «riscos» num penedo, por comunicação dum pedreiro, do facto deo conhecimento immediato ao Dr. Manuel de Vasconcelos, que não se demorou em mandar proceder ao respectivo corte.



Fig. 2

A pedra, medindo  $2^m,30 \times 1^m,10$ , foi conduzida em barco para o Pôrto, pelo rio Douro, que corre perto.

Aos seus preciosos informes juntava o S.<sup>o</sup> Parreira a solicitação duma visita ao local, para conhecimento doutras pedras insculpidas aí existentes.

Recebi com júbilo o cativante convite e decidi-me à jornada.

Da estação do Juncal, no vale fundo onde a linha férrea corre, medeia uma puxada légua até Piares, que é preciso transpor sempre sôbre o lombo da serra, primeiro ascendendo até os visos, para depois começar declinando em veredas tortuosas e escorregadias, que o cavalo pôsto ao meu dispor vence com familiar perícia.

O trajecto, lançado por atalhos, oferecia um pitoresco empolgante, com as habitações humildes de colmo, a espaços, as leiras opulentas e a viçosa vinha de enforcado prestes à vindima, a que se



Fig. 3— Vista parcial do monte, mostrando uma pedra insculptada (X)

sucediam, para o nascente, altos píncaros, cujas coroas de pedras ciclópicas semelhavam inexpugnáveis fortalezas.

Chegado a Penha Longa procedi, com o S.<sup>o</sup> Parreira, ao exame do Monte de Eiró, donde a pedra foi extraída. O local é uma pequena elevação, a meia encosta, com um agregado de penhascos no alto, a cavaleiro da povoação de Piares e francamente aberta ao meiodia (fig. 1). Ao fundo corre o Douro e na vertente fronteiriça avis-

ta-se Sinfães. Pelo sinal do corte se pode saber a situação primitiva da pedra: a parte hoje voltada ao alto no Museu (fig. 2) olhava o sul, e a actual face estava situada em nível encarando o nascente; era neste lado do penedo que se encontravam as insculpturas.

Perscrutando as imediações não foi difícil encontrar gravuras similares. Numa laje, à flor do terreno, deparou-se-nos uma linha enroscada (espiral de dois centros como as já referidas) tendo de um e de outro lado linhas volteadas, algumas delas mal visíveis por desgaste dos agentes

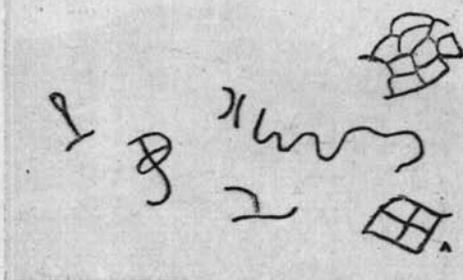


naturais; como essa laje apresentasse um cabelo (fenda) era este também

Fig. 4 — Insculpturas da pedra marcada com o sinal (X) na fig. anterior

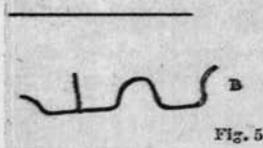
transposto por uma dessas linhas. Tinha a pedra 2<sup>m</sup>,80 de comprimento por 1<sup>m</sup>,50 de largura; no maior sentido uma outra pedra formava como que um espaldar; lateralmente, nos dois extremos, apresentava declives onde duas das linhas gravadas findavam (figuras 3 e 4).

Logo ao lado deste penedo, um outro já cortado em parte pelos pedreiros e com marcas de guilhos para sacrificio completo, mos-



trava alguns sinais: côvinhas de vários tamanhos, uma marca de pégada e linhas serpenteantes.

À ilharga, outro, em nível inferior, exhibia gravuras avulsas que simulavam siglas (figura 5).



Mais adiante, na eira da tapada de Eiró, em duas lajes, novos sinais se nos depararam: a célebre espiral e linhas onduladas numa delas, e enxa-

drezados e motivos curvilíneos noutras (figs. 6 e 7). O exame limitou-se a uma área reduzidíssima. O meu propósito, também, consistia mais numa verificação sumária do que, propriamente, numa exploração em forma.

Por isso os apontamentos gráficos que junto são deminutos e alguns deles apenas fragmentários.

É fora de dúvida que o local atrai a uma mais cuidada averiguação, pois é pródigo em gravuras rupestres da mais singular diversidade.

Eiró afigura-se-nos altamente sugestivo no mistério dos seus petroglifos.

Dir-se ha estarmos em face dum verdadeiro monte sagrado que povos mui remotos e inominados (tam obscura é a etnogenia da Península)<sup>1</sup> escolheram para exercicio de possíveis rituais de litolatria, cujos símbolos milenários, repetidos em tantas outras partes no nosso país e fora dêle, nos confundem no seu impenetrável significado.

Ponhamos de parte imaginativas concepções e procuremos aproximar os glifos de Eiró de alguns já conhecidos.

As quatro classes de insculpturas, sulcos, figuras lineares, còvnhas e pègadas, que o sábio Director desta revista, Dr. Leite de Vasconcelos, dá como relativas à Prelestória portuguesa<sup>2</sup>, todas têm representação no local a que me venho referindo.

A *linha ondulada*, aqui muito em evidência, e tam freqüente na cerâmica do período neolítico, já foi notada nas antas de Sales pelo malogrado arqueólogo Dr. José Fortes<sup>3</sup>, tendo por sua vez a espiral aparecido em Sabroso e na Citânia.

O *enzadrezado* ou *grade*, observado na eira da Tapada, semelha algumas insculpturas do divulgado Caxão da Rapa, segundo desenhos em mais de um lugar reproduzidos<sup>4</sup>.

Dos restantes sinais notarei o marcado com a letra *A* na fig. 5 semelhante ao do penedo da freguesia de Senhorim (Beira Alta), encontrado pelo Dr. Leite de Vasconcelos e agora existente na galeria lapidar do Museu Etnológico Português<sup>5</sup>, e ainda aquele que leva a letra *B* na mesma figura, o qual recorda, na aparência, êsse outro que o Dr. Fortes viu na citada anta de Sales<sup>6</sup>.

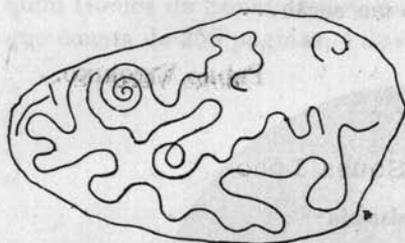


Fig. 6

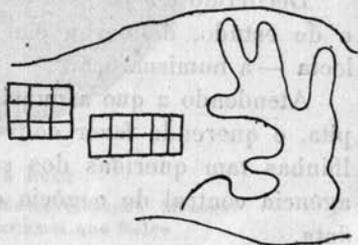


Fig. 7

<sup>1</sup> Ricardo Severo, *Paleoethnologia Portuguesa*, Pôrto 1888, p. 100.

<sup>2</sup> J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, Lisboa 1897, I, 387.

<sup>3</sup> J. Fortes, «A necrópole dolmênica de Sales», in *Portugalia*, I, 682.

<sup>4</sup> Cf. *Religiões da Lusitania*, I, 361.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 364.

<sup>6</sup> *Loc. citato*.

Merecem um estudo cuidado os glifos de Eiró, de que dou resumida notícia, desataviada e singela. Creio que ainda ninguém se deslocou no propósito expresso de os observar; afastados das vias de comunicação, em plena serra, eles têm passado despercebidos aos investigadores tanto como à gente da localidade, que a seu respeito nem mesmo refere qualquer lenda fantasiosa de «mouros» capaz de entreter por momentos os ócios de um serão...

Contumil.

PEDRO VITORINO.

### Augusto de Sousa Lobo

como numismata<sup>1</sup>

Erudito coleccionador, numismatógrafo, espirito inteligente, cultivou com afan várias sciencias, especificando-se na numismática, à qual consagrou parte da sua existência.

Nasceu a 4 de Agosto de 1852, deixando bem novo a sua terra natal, S. Nicolau (Cabeceiras de Basto), indo para o Brasil no ano de 1865, e fixando residência na cidade do Rio de Janeiro.

Decorrido um período de trinta e oito anos de incessante trabalho e de estudo, deliberou em 1903 dar início à sua carreira predilecta — a numismática.

Atendendo a que a numária no Brasil atravessava uma época sopeita, e querendo fazer converger ao aprisco das colecções as ovelhinhas tam queridas dos seus pastores, inaugurou portanto uma agência central de negócio de moedas, única no Brasil até aquella data.

Essa agência, que foi iniciada na Rua de S. Pedro, 99, foi mais tarde transferida para a Rua Bela de S. João, 115-A, onde Sousa Lobo transaccionava a compra e venda não só de toda a espécie de moedas, mas de medalhas, de prémios de exposições industriais, de distintivos de sociedades recreativas, instrutivas ou scientificas,

<sup>1</sup> [Este artigo constitue a estreia literaria da autora, que é ainda muito jovem, e está animada de grande entusiasmo com a sciencia das moedas. Sobrinha, como diz, do conhecido coleccionador Sousa Lobo, hoje falecido, o qual ao mesmo tempo foi escritor numismatico, possui em Lisboa um monetario, ainda incipiente, mas já valioso, e que ella irá aumentando a pouco e pouco.— Aproveito a occasião para desfazer uma dúvida que emiti no meu livro *Da Numismatica de Portugal*, Lisboa 1923, p. 293: Sousa Lobo não nasceu no Brasil, nasceu em Portugal (Cabeceiras de Basto).— J. L. DE V.]